

DO FIO CRESPO A PELE NEGRA: AÇÕES DE ENSINO E SAÚDE COM MENINAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO MARANHÃO, BRASIL

Data da submissão: 31/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Erick Santos de Oliveira

Universidade Estadual do Maranhão
Caxias – Maranhão
Orcid: <https://orcid.org/0009-0433-3203>

Rayane Alves Machado

Universidade Estadual do Maranhão
Caxias – Maranhão
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7883-3374>

Yagho José Lima Diniz

Universidade Estadual do Maranhão
Caxias-Maranhão
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2234-4483>

Débora Lorena Melo Pereira

Universidade Federal do Maranhão
Caxias - Maranhão
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7883-1830>

José de Ribamar Ross

Universidade Estadual do Maranhão
Caxias - Maranhão
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9362-8651>

saúde com meninas quilombolas do fio crespo a pele negra no Maranhão, Brasil. Trata-se de um estudo reflexivo sobre a vivência de acadêmicos de enfermagem no projeto “meu cabelo é minha identidade”, a abordagem é pautada na utilização de metodologias ativas no processo de aprendizagem, ressaltando o contexto da autoaceitação como forma de inclusão do aluno na valorização da estética negra do cabelo. Foram elucidadas evidências que causaram significativo impacto no processo de ensino-aprendizado e, por meio destas, nota-se sua importância através da melhoria no fortalecimento e a representatividade dessa estética capilar como forma de valorização étnico-racial do negro, perante as diversas imposições de intolerância racial que atualmente se observa no Brasil, além de realizar uma educação em saúde a respeito dos cuidados com a saúde relacionadas ao cabelo.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos raciais; Quilombolas; Mulheres.

RESUMO: Este estudo teve como objetivo de refletir sobre as ações de ensino em

FROM CURLY THREAD TO BLACK SKIN: TEACHING AND HEALTH ACTIONS WITH GIRLS IN A QUILOMBOLA COMMUNITY IN MARANHÃO, BRAZIL

ABSTRACT: This study aimed to reflect on of health education actions with quilombola girls from the curly hair to black skin in Maranhão, Brazil. This is a reflective study on the experience of nursing students in the project “my hair is my identity”, the approach is based on the use of active methodologies in the learning process, emphasizing the context of self-acceptance as a way of including the student in the appreciation of black hair aesthetics. Evidences that caused a significant impact on the teaching-learning process were elucidated and, through these, its importance is noted through the improvement in the strengthening and representativeness of this capillary aesthetics as a form of ethnic-racial appreciation of the black, in the face of the various impositions of racial intolerance that is currently observed in Brazil, in addition to providing health education about hair-related health care.

KEYWORDS: Racial groups; Quilombolas; Women.

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A IMPORTÂNCIA DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Hoje pensamos na escola não apenas como um lugar de aprendizagem teórico e passivo, mas também como um espaço de vivenciar reflexões e aprimorar o processo de socialização. No entanto, esse modelo de ensino que visa a inclusão do aluno como protagonista do seu processo de aprendizado ainda não é explorado em sua totalidade nas escolas e outros ambientes de ensino pelo país a fora. Esse modelo, também conhecido como educação construtivista, tem a capacidade de moldar o processo de aprendizagem de modo que as fronteiras conteudistas nas grades curriculares acadêmicas, sejam ampliadas para além dos livros, tarefas para casa, provas objetivas, ou qualquer outro modo de ensino tradicional que é utilizado a anos (LOPES; GETRUDES; TEIXEIRA *et al.*, 2007).

Existe então uma expansão da capacidade cognitiva do indivíduo quando é posto a interligar a teoria dos livros com a sua realidade diária, com auxílio de novas ferramentas didáticas, torna-se assim o processo de aprendizagem algo inclusivo e prático.

O contraponto vislumbrado na realidade do Brasil é que o ensino construtivista não era realidade a décadas atrás ou ainda não é realidade na vida de muitos alunos e professores hoje em dia. Portanto, muitos conteúdos propícios a uma boa discussão em sala de aula, como os temas sociais, acabam por não serem explorados da melhor forma durante a vida acadêmica, limitando assim o espectro de conhecimento cultural e crítico dos alunos, deixando-os mais desarmados a respeito de pautas importantes na formação de um cidadão engajado e conhecedor das realidades sociais que o cercam. (BORGES *et al.*, 2014)

Vem desse déficit, a necessidade de abordar novas técnicas de ensino que provoquem os indivíduos a explorar cada vez mais sua capacidade crítica e produção de argumentos. Para tanto, ao longo dos últimos anos diversos pesquisadores da área de educação vieram buscando novas formas de exercitar o processo de aprendizagem de

maneira mais eficiente, inclusivo e dinâmico, se afastando cada vez mais dos modelos tradicionais.

Um grande exemplo dessas inovações, foi o desenvolvimento das metodologias ativas que oportunizaram um contexto de aprendizagem amplo, reflexivo, crítico e inovador. Sendo assim, uma ferramenta que se alinha aos moldes atuais de referência quando falamos em forma de ensino e aprendizado, servindo de ponte para defender alguns modelos de educação construtivista, como o modelo problematizador de Lev Vygotsky, ou do patrono da educação brasileira, Paulo Freire.

Para entendermos melhor a necessidade desse novo método, precisamos compreender que cada indivíduo possui suas complexidades quando falamos em aprendizagem, complexidades essas que perpassam pelos diversos níveis de escolaridade que possuem em um mesmo ambiente de ensino, conhecimento sociocultural, particularidades físicas e intelectuais, entre outras formas de diferenciação entre os indivíduos (BRIGHENTI; BIAVATTI; SOUZA, 2015).

O modelo tradicional de ensino, que prega a disseminação de conhecimento através de uma visão vertical, onde o aluno é apenas um ouvinte, acaba se tornando um limitador em meio a inúmeras formas de trazer esse ouvinte para dentro do problema/situação que lhe é proposto. Não necessariamente os métodos tradicionais de ensino são ineficazes, mas é ideal dizer que junto a eles, os novos meios de educação inclusiva e dinâmica podem transformar esse processo em algo mais instigante e concreto ao aluno, atuando melhor na forma de fixação de informações e integração de temas abordados com as experiências próprias dos envolvidos (SILVA *et al.*, 2018)

A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Entre muitos caminhos em que se pode falar sobre educação, destaca-se aqui a área de educação em saúde. O processo de educação em saúde não se limita apenas a uma sala de aula, é um movimento que vai em busca da sociedade em sua totalidade, independente do ambiente de convivência. O educar em saúde foca principalmente no movimento de prevenção de agravos em saúde, e não somente o processo doença já instaurado, sendo que nem sempre essa disseminação de conhecimento é voltada diretamente a uma patologia, mas também possui total afinidade com as particularidades que existem ao redor dessas enfermidades.

Podemos então ressaltar o conceito de saúde defendido pela Organização Mundial de Saúde, que se refere a ponto como um completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença. Saúde é a forma em que o indivíduo vive o dia a dia, como trabalha, como se relaciona, como se enxerga em meio social e suas formas de lazer, e se possui acesso a bens e ou serviços de saúde. Valendo ressaltar que os serviços de saúde não são exclusivamente responsáveis pela promoção de conhecimento em saúde

na comunidade, qualquer instituição pode ser capaz de orientar a promoção da saúde, potencializando as possibilidades de bem-estar geral (BRASIL, 2002a).

As políticas e programas públicos de saúde e educação são cruciais para a formação de cidadania, e para o progresso da qualidade de vida e saúde da população, a melhora dos níveis de educação estão inteiramente interligados com as possibilidades de uma população mais saudável, assim como uma população com qualidade de vida mais saudável tem grandes possibilidades de aperfeiçoamento dos níveis educacionais formais e informais (LOPES *et al.*, 2007).

A escola além de um local para transmitir saberes sobre a saúde, é um lugar para educar, desenvolver valores e posturas críticas, dessa forma, usando a escola como um eixo de conexão com a saúde, há a possibilidade de gerar autonomia e senso crítico para a promoção de saúde (LOPES *et al.*, 2007).

Propiciar saúde e educação requer a consideração de determinantes sociais, bem como um entendimento ampliado de saúde que de certa forma deve envolver vários setores e áreas a fim de englobar aos principais princípios da integralidade e a articulação entre sujeitos diversos, com diferentes saberes e poderes com vista a enfrentar problemas complexos. O risco de não se atentar a isso é a redução da polarização do debate, e a manutenção de práticas conservadoras que não levem em consideração o contexto social (SILVA *et al.*, 2018).

Ainda a respeito da estratégia de ensino e saúde em ambientes educacionais, é digno de nota frisar que no ano de 2007 foi marcado pela implantação do programa saúde na escola (PSE), que possibilitou a ampliação de ações que promovam saúde no âmbito escolar. Depois disso inúmeras iniciativas foram abordadas no espaço escolar, resultado da interação entre os setores de educação em saúde e que promovam saúde em sua maioria focadas em ações de primeiro socorro, higiene bucal e assistência médica, dessa forma a PSE fortaleceu o vínculo entre a comunidade e as instituições, e a enfermagem como categoria de promoção a saúde, inserida na visão de educação em saúde vê na escola a possibilidade de articular saúde e educação.

Naturalmente pode-se concordar que a difusão de conhecimento, se dá pelo indivíduo com maior domínio sobre o assunto para com o de menos domínio na área, no entanto, essa forma de propagar ensinamentos vem sofrendo mudanças significativas com a evolução das tecnologias, hoje podemos já usufruir de inúmeras possibilidades para o desenvolvimento intelectual.

O presente capítulo traz a oportunidade de acompanhar uma experiência de extensão universitária, na área de educação em saúde associado a questões socioculturais de uma comunidade quilombola, se valendo da proposta de ofertar conhecimento pautado na ideia de educação e aprendizagem aos moldes das metodologias ativas. Aqui abordaremos não somente a sala de aula e alunos como ambiente e personagens das nossas ações, mas também abordaremos o processo de ensino e troca de saberes com a própria comunidade,

dentro do viés temático do projeto.

CONTEXTUALIZANDO O AMBIENTE DE INTERVENÇÃO

Antes de adentrarmos por completo nas estratégias de educação em saúde, com auxílio das metodologias ativas, precisamos contextualizar o cenário em que esse projeto se inseriu. Tudo se inicia em agosto de 2021, no município de Caxias no leste maranhense, com uma equipe de 4 integrantes, entre eles 3 acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA e um orientador do projeto, enfermeiro e professor do departamento de ciências da saúde, também da mesma instituição.

Nosso programa de extensão, chamado de “bolsa cultura”, tinha como compromisso desenvolver uma ação que contemplasse um público específico, levando até ele uma ação social que agregasse no desenvolvimento cultural desses indivíduos, dessa forma, devido a uma grande presença de comunidades quilombolas na região e uma afinidade em trabalhar com esse público anteriormente, nossa equipe então intitulou o projeto como “Meu cabelo é minha identidade” e trouxe o desafio de abordar a beleza do cabelo crespo e cacheado da mulher negra, em comunidades quilombolas, com o objetivo de fortalecer a representatividade dessa estética capilar como forma de valorização e fortalecimento étnico-racial do negro, perante as diversas imposições de intolerância racial que atualmente se observa no Brasil, além de realizar uma educação em saúde a respeito dos cuidados com a saúde relacionadas ao cabelo.

A princípio entende-se que pode parecer redundante falar da estética do cabelo crespo e cacheado em um quilombo, já que é algo natural dos indivíduos que ali vivem, mas a verdade é que o cenário real se caracteriza por uma constante e silenciosa evasão dos costumes tradicionais de algumas comunidades de matriz africana, como os quilombos, de modo que tais indivíduos aderem cada vez mais aos costumes praticados dos grupos dominadores e detentores de influência estética, como os brancos e seus costumes construídos aos moldes eurocêntricos. (HISTÓRIA; CULTURA; CRISTINA PACHECO SILVA, 2014).

Com isso, há uma necessidade de falarmos da importância de manter as raízes históricas e aceitar a beleza natural do seu corpo, principalmente em um grupo de minoria social que está constantemente submerso em pré-julgamentos, críticas, deslegitimação de seus direitos e pouco compreendido culturalmente.

Para além da importância social que o projeto se propões alcançar, é preciso dar ênfase aos desafios dessa intervenção, no âmbito de educação em saúde. Sendo assim, temos de dar destaque primeiramente aos nossos ouvintes, quem são? Quais as suas limitações? O que precisamos para alcançarmos com maior efetividade nossos objetivos iniciais? Essas e outras perguntas são pontos norteadores na boa logística didática e servirão de base para determinar quais abordagens serão mais efetivas ou não para uma

boa experiência, não só da equipe educadora, mas também do público beneficiado.

A princípio, atuamos com grupos bem diversificados de ouvintes, eram mulheres, homens, crianças e jovens de várias idades, todos reunidos em uma pequena escola municipal dentro do território quilombola soledade aos arredores de Caxias-Ma. Em um segundo momento, ampliamos nosso público na tentativa de alcançar os mais jovens, que conseqüentemente estão mais sujeitos a discriminação étnico-racial nas redes sociais ou aderirem a outros costumes devido a influência que a mídia tem sobre seus gostos e estética, diante disso contemplamos também uma escola de ensino fundamental, já dentro do perímetro urbano de Caxias, que recebia alunos da comunidade quilombola soledade.

De imediato observa-se que existem diversas barreiras logísticas e de aprendizagem uma vez que a população local dos primeiros encontros no quilombo, devido as suas particularidades pessoais e sociais, tinham níveis de escolaridades diferentes, onde se tinham ouvintes desde analfabetos até estudantes de nível superior, além disso estávamos desprovidos de algumas ferramentas que ampliariam nossas abordagens de ensino, como a ausência de conexão com internet e uso de tecnologias que auxiliassem na interação em tempo real com o grupo, no caso da chamadas nuvem de palavras.

No entanto, um cenário que já se mostrava um pouco diferente eram com as crianças na escola de ensino fundamental Prof.(a) Magnólia Hermínia Araújo, onde já tínhamos um pouco mais de estrutura física e conexão, ampliando as possibilidades de trabalho.

Durante todo o percurso que fizemos até o presente momento do projeto, tivemos a necessidade quase que obrigatória e recorrente, de nos reinventarmos sobre as formas de abordagem com o público alvo. Foi um exercício de entender as necessidades de renovação não só na linguagem, como quando mudamos o grupo alvo entre adultos e crianças, mas também os materiais didáticos adequados a cada contexto.

Esse movimento de adaptação e sensibilidade de ouvir o que o educando tem de necessidades para efetivar um melhor processo de aprendizagem, é algo básico que deve ser priorizado nessa trajetória, pensamento muito inspirado aos moldes das ideias do patrono da educação brasileira Paulo Freire. Onde o mesmo acredita que o processo de ensino jamais deve ser uma via de mão única, e sim uma troca de ideias entre professores e alunos a respeito do que está sendo ministrado e todas as complexidades em volta do aprendizado em si dentro de cada contexto, tornando o ensino algo democrático e dinâmico, jamais autoritário e engessado. (CHIARELLA *et al.*, 2015).

AS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE, SOB A LUZ DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Como já citamos anteriormente, nossas primeiras abordagens aconteciam em uma escola em meio a comunidade quilombola, sempre tendo como público ouvintes de diversas idades e níveis de instrução. Como tínhamos uma barreira importante, que era a ausência de internet e ferramentas tecnológicas durante os encontros presenciais, automaticamente

precisávamos estabelecer um vínculo que fosse além do nos era proporcionado durante as palestras nos encontros pessoais, uma vez por mês.

Resolve-se criar uma página no Instagram, denominada como “@projetocultura”, que serviria como uma espécie de portfólio digital, onde seria registrado cada encontro e uma breve exposição sobre os diversos temas abordados. Obviamente nem todos que estariam presentes teriam acesso devido suas próprias limitações, no entanto, a comunidade possuía um grupo no aplicativo de mensagens WhatsApp com cerca de 210 membros, ao qual fomos inseridos e compartilhávamos publicações a respeito de temas do projeto e fotos dos encontros.

Ou seja, uma das premissas que cercam as metodologias ativas, surgem da necessidade de quebrar as limitações de aprendizagem, tornando esse processo em algo versátil e acessível aos diferentes públicos envolvidos. Quando nos deparamos com as limitações estruturais e até mesmo de participantes, já que nem todos podiam ir aos encontros, transformamos nossas mensagens presenciais, em postagens breves e convidativas dentro dos canais virtuais disponíveis na comunidade, assim aumentando o alcance das nossas ações (BERBEL, 2011).

Outra abordagem adotada, foram as produções de folders com um breve resumo de cada encontro. Sempre utilizando um princípio de não ser algo poluído de informações, mas apenas as principais que gostaríamos que fossem absorvidas durante aqueles encontros, sempre trazendo imagens ilustrativas relacionadas ao cabelo crespo e cacheado, ou ilustrando conceitos relacionados ao cuidado com a saúde capilar, aceitação da estética natural ou riscos no uso de químicos capilares.

Essa técnica foi escolhida na tentativa de levar nossa mensagem para além dos momentos de arguição que tínhamos com a comunidade, incentivando a leitura e fixação das ideias apresentadas durante os encontros ou após eles, possibilitando até mesmo o compartilhamento desses saberes com outros membros que moram com esse indivíduo. Pois durante uma oratória é comum que a atenção das pessoas se disperses por diversos fatores e acabe ficando pelo caminho informações importantes que seriam de grande valia se fossem bem absorvidas, dessa forma a possibilidade de levar um breve resumo do que foi ministrado, é oportuno no processo de aprendizagem possibilitando acesso ilimitado ao que foi dito (BRIGHENTI; BIAVATTI; SOUZA, 2015).

Um dos pilares da educação construtivista é a centralidade do aluno no seu processo de aprendizagem, com isso também buscamos desenvolver formas de participação do público-alvo em nossas ações educativas. Mesmo que nosso local de intervenção seja um quilombo, e que possuiu as limitações já citadas, entende-se que o tema abordado é de interesse comum a comunidade negra, exatamente por contribuir no movimento de fortalecer a cultura afro e suas raízes culturais.

Diante disso, sempre tivemos as redes sociais como um canal de divulgação de nossas ações e, portanto, estaremos sempre alimentando esse portfólio para alcançar

mais pessoas. Resolvemos então trazer esses indivíduos da própria comunidade para a visibilidade das redes sociais, através de vídeos curtos relatando sua opinião sobre os assuntos discutidos em grupo ou até mesmo relatando experiências próprias relacionadas ao tema do projeto. Foi uma forma de dar voz a essas pessoas, com suas histórias reais e opiniões próprias, transformando-as em não somente ouvintes, mas também geradores de opiniões e personagens atuantes do seu processo de aprendizagem.

Nossos encontros aconteciam sempre na comunidade soledade e em dias de reunião da associação de moradores, portanto contávamos com a presença de líderes locais assistindo e participando de nossas palestras. Em dado momento era interessante trazer essa liderança para participar das discussões, visto que a aproximação da comunidade com sua liderança trouxesse mais credibilidade e atenção para nossas atividades.

Então pudemos novamente trazer a contribuição de pessoas da própria comunidade em meio aos temas abordados, contando experiências próprias a respeito de representatividade, valorização da própria cultura e a importância de cuidados com a estética, trazer essa voz mais íntima da própria comunidade, como forma de agregar na transmissão de conhecimento, nos coloca em uma condição de igualdade no processo de aprendizagem, onde nós enquanto equipe educadora não é detentora absoluta da mensagem e sim apenas um pedaço do quebra cabeça nesse processo.

Agora de frente a um novo cenário, estamos atuando com um público novo que representa uma segunda vertente de público do projeto. Como dissemos no início desse tópico, buscamos também alcançar um grupo mais jovem para abordar nossas discussões devido sua alta exposição aos meios de comunicação e influenciadores digitais, já que nessa idade os gostos e opiniões estão ainda em amadurecimento.

Na escola municipal de ensino fundamental Prof.(a) Magnólia Hermínia Araújo atuamos, até então, com 6 turmas onde os alunos variam de 10 a 17 anos de idade, e que são moradores da própria zona urbana de Caxias, ou da comunidade quilombo soledade, ponto que foi decisivo na escolha da escola devido a possibilidade de contemplar mais um grupo residente da comunidade escolhida.

Nossa abordagem sofreu algumas reformulações, agora tínhamos um pouco mais de recursos, estávamos em um ambiente educacional e o público-alvo eram os alunos, tínhamos então a possibilidade de usar recursos visuais, rodas de conversas e outras formas de produzir aprendizagem de forma inclusiva e eficiente.

Uma das linhas de base que trabalhamos aqui foi o processo de educação sociocultural, que consiste na ideia desenvolvida pelo psicólogo Lev Vygotsky, onde entende-se que é necessário colocar os contextos políticos, econômicos, sociais e culturais no epicentro do processo de aprendizagem. Ou seja, ao abordarmos um assunto que se refere a questão étnico-racial devemos interligar um assunto de tamanha delicadeza e importância, a outras esferas da sociedade que estejam interligadas com tema. Fazendo com que nosso público compreenda as ideias propostas de modo não mecanizado e sim

proporcionando uma transmissão de ideias que se interligue aos vários extratos sociais que cercam aqueles indivíduos, de forma reflexiva e crítica (BORGES *et al.*, 2014).

Contribuindo com essa primeira estratégia, utilizamos também um método de aprendizagem conhecido como espiral construtivista. Cujo objetivo é partir de questões problematizadoras que gerem uma discussão em grupo e caminhe para uma análise ampla das complexidades envolta do ponto trabalhado, perpassando por várias etapas, como a síntese provisória, que seria uma interação entre os participantes expondo suas ideias primárias da realidade em torno de questionamentos previamente apresentados, e a nova síntese, que corresponde a uma nova rodada de exposição de ideias, mas agora ressaltando os aprendizados e mudanças de pensamento em relação ao que foi visto no início do exercício (ROSS *et al.*, 2020).

Partindo para a prática, nossos encontros com os alunos foram sempre pautados em uma dinâmica com recursos visuais, espaço de conversações e trocas de experiências. Uma vez que o público uma questão possui uma maior chance de ter dispersão de foco e conseqüentemente mais sujeito a não se conectar tanto com o modelo tradicional de exposição oral, tipo palestra.

Repetindo a estratégia aplicada nos primeiros encontros, ainda no quilombo, levamos a ideia do instaram para o conhecimento e aplicabilidade com os alunos, como já dito anteriormente, eles possuem um engajamento nas redes sociais bem maior que as pessoas de maior idade e, portanto, acabam se tornando um grupo potencialmente interessado em acessar nossos conteúdos, inclusive podendo ver as fotos dos encontros ao qual participaram.

Essa estratégia de portfólio digital foi tão positiva com esse grupo, que a divulgação da página para os alunos resultou em maiores acessos ao conteúdo publicado, crescimento no número de seguidores e interações, confirmando ainda mais a necessidade que aplicar as metodologias ativas como forma de alcançar públicos diferentes e com ferramentas diferentes em prol da disseminação de conhecimento mais efetivo, moderno e inclusivo.

Trabalhar com as crianças e adolescentes requer entender que, diferente dos adultos, eles possuem uma particularidade sobre participação e absorção de informações. Nos encontros percebemos que existiam alunos mais contidos e ouvintes, mas também tinham os participativos e curiosos, portanto, fazer essa análise das particularidades inseridas no público-alvo é importante para nortear suas estratégias didáticas.

O que de imediato foi decidido é que por mais prolixo que uma criança pudesse ser durante a discussão de um tema, ainda sim ela deveria ter seu poder de fala, ou seja, nossos encontros eram marcados de participação, esclarecimento de dúvidas e reformulação de ideias. Tudo graças ao jeito de educar que prioriza a voz do aluno, suas dificuldades, facilidades e anseios, esse método vem de um dos maiores especialistas em educação dos últimos anos, Paulo Freire (CHIARELLA *et al.*, 2015).

E assim como ele, achamos importante nos distanciarmos da ideia de educação

bancária, onde o aluno é visto como um depósito, um cofre, onde apenas o professor pode depositar informações. Assim como com os adultos do quilombo, as crianças mais do que nunca tinha sinal verde para participar do processo de compreender um tema delicado como intolerância racial, estética e cuidados com a saúde.

Ainda como forma de inclusão do aluno no processo de aprendizagem, aproveitamos a abordagem de valorização da estética negra do cabelo e realizamos um ensaio fotográfico com alguns alunos que toparam o desafio. O cenário foi a própria escola, mas os alunos participantes foram devidamente caracterizados com roupas e acessórios que lembrassem as vestimentas da cultura afro, tendo como resultado a publicação do conteúdo gerado em nossa página do projeto no Instagram.

Essa ação foi mais uma forma de envolver o grupo alvo no seu próprio processo de aprendizado, uma vez que houve um empenho em realçar o cabelo dos participantes, que eram crespos e cacheados, mostrando para eles e para os outros alunos que não era necessário renunciar à sua aparência natural para se enquadrar em padrões de beleza instalados por uma minoria dominante. A publicação das fotos em nossa rede social, foi uma vitrine para que um bom número de alunos pudesse apreciar a beleza de seus colegas e compreender um pouco mais a necessidade de valorizar a própria cultura e os cuidados necessários com a saúde do cabelo.

A experiência vem sendo exitosa, os ajustes feitos no modo como passamos nossas mensagens são de grande importância para a efetividade de nossos objetivos principais estabelecidos na elaboração do projeto. Com certeza não seria possível passar a mensagem de forma eficiente, através de métodos atrasados e pouco dinâmicos, as metodologias ativas vieram como importante ferramenta de inclusão, feedback, construção de saber e oportunidade de descoberta de ambas as partes.

REFERÊNCIAS

BRASIL Ministério da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde Projeto Promoção da Saúde. As Cartas da Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde - Brasília: Ministério da Saúde, 2002a.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 32, n. 1, p. 25–40, 20 nov. 2011.

BORGES, M. C. *et al.* Aprendizado baseado em problemas. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 47, n. 3, p. 301–307, 3 nov. 2014.

BRIGHENTI, J.; BIAVATTI, V. T.; SOUZA, T. R. DE. Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, p. 281–304, 18 nov. 2015.

CHIARELLA, T. *et al.* A Pedagogia de Paulo Freire e o Processo Ensino-Aprendizagem na Educação Médica The Pedagogy of Paulo Freire and Medical Education. v. 39, n. 3, p. 418–425, 2015.

HISTÓRIA, B.; CULTURA, S.; CRISTINA PACHECO SILVA, V. **8- Artigo - O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA - Vanessa Cristina.** [s.l: s.n.].

ROSS, J. DE R. *et al.* Metodologias ativas em um curso de formação em saúde. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 3, n. 1, p. 154–161, 23 jun. 2020.

LOPES, Gertrudes Teixeira; BERNARDES, Margarida Maria Rocha; ACAUAN, Laura Vargas; FELIPE, Ingrid Cunha Ventura; CASANOVA, Edna Gurgel; LEMOS, Bruna Kelly de Jesus. O enfermeiro no ensino fundamental: desafios na prevenção ao consumo de álcool. **Escola Anna Nery**, vol. 11, no. 4, p. 712–716, Dec. 2007.

LOPES, Iraneide Etelvina; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; ROCHA, Dais Gonçalves. Axes of action of the School Health Program and Health Promotion: an integrative review. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 773-789, 2018.

SILVA, Juliana; FAGUNDES, Marlene; GONÇALVES, Carvalho; SÁ DE ANDRADE, Luciane; LEITE, Estela Maria; MONTEIRO, Meirelles; ANGÉLICA, Marta; SILVA, lossi. Promoção da saúde na educação básica: percepções dos alunos de licenciatura em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol. 39, no. 0, p. 2017–0237, 3 Sep. 2018.